

O GUAIRÁ NOS SÉCULOS XVI E XVII – AS RELAÇÕES INTERCULTURAIS

Nádia Moreira Chagas¹
Lúcio Tadeu Mota²

Resumo

Este artigo é uma reflexão sobre a História do Paraná Colonial, através da visão de alguns historiadores paranaenses, autores paraguaios e argentinos, além de autores da história da colonização brasileira, que escreveram em diferentes períodos. O objetivo do estudo é para compreender o que já foi escrito sobre a região e verificar a possibilidade de contribuir com estudos que possam tornar mais claros pontos ainda não compreendidos sobre o território. Os autores paranaenses seguem uma mesma linha de pensamento, que vai da chegada dos europeus, a formação de vilas e povoações em regiões que eram conhecidas nos séculos XVI e XVII como Guairá. A história segue contada com a formação das Reduções Jesuíticas e a destruição das mesmas pelos bandeirantes paulistas, detendo a expansão espanhola em direção ao litoral e garantindo a expansão das fronteiras do território português em direção ao oeste, no território hoje conhecido como Paraná. Com o estudo de historiadores paranaenses mais recentes, e com outros historiadores da colonização brasileira, além de autores da Bacia Platina, o estudo buscou entender as relações entre os povos primitivos na região e os europeus que entraram a partir do século XVI.

PALAVRAS-CHAVE: Guairá, ocupação, indígenas, relações-interculturais

Abstract

This article is a reflection about the History of the Colonial Paraná through the vision of some historians from Paraná, Paraguayans and Argentines authors, besides authors of the Brazilian colonization History, who wrote in different periods of time. The aim of the study is to comprehend what was already written about the region and verify the possibility in contributing to the studies which can clarify aspects not yet understood about the territory. The Paranaenses authors follow the same method of thought, which begins with the Europeans arrival, the development of villages and peopling in regions which were known in the XVI and XVII centuries such as Guairá. The History is told through the Jesuitical Reductions development and the destruction of them by the Bandeirantes from Sao Paulo, stopping the Spanish expansion towards the coast and guaranteeing the expansion of the borders of the Portuguese territory towards the West, the territory known as Paraná nowadays. Through the study of recent Paranaense historians, and others Brazilian colonization historians, furthermore authors from Bacia Platina, the study searched to understand the relations among primitive peoples surrounding the area and the Europeans who entered the place from the XVI century.

Key-words: Guairá; occupations; native Indians; intercultural relations.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é identificar e compreender a história do Guairá, nos séculos XVI e início do século XVII, como parte da História do Paraná Colonial, desde a chegada dos europeus em 1500 até 1632, época da destruição das reduções jesuíticas pelos bandeirantes paulistas.

O estudo é uma reflexão sobre a história da ocupação e das relações interculturais ocorridas nos territórios do Guairá, com o objetivo de contribuir com os estudos sobre a nossa história regional. O estudo dos autores paranaenses permeou um primeiro momento da pesquisa, no sentido de compreender o que já foi escrito sobre a região e verificar a possibilidade de contribuir com estudos que possam aprofundar pontos que ainda não são bem compreendidos sobre a região. A historiografia paraguaia, argentina, e autores clássicos da história colonial do Brasil, foram analisados para complementar o estudo. Isto porque, para conhecermos a história de períodos mais remotos sobre a região, temos que recorrer à historiografia clássica da Bacia Platina, que trata da história do Paraguai, Argentina e também, a estudos que tratam da história dos bandeirantes paulistas.

O estudo justifica-se por sua relevância na medida em que contribuirá no debate sobre a questão da ocupação do atual Paraná, e para o reconhecimento das populações que aqui viviam, desmistificando algumas idéias como a que dizia que a região era um deserto a ser desbravado.

A etnohistória é o método utilizado para compreender a ocupação dos territórios e as relações interculturais no período. A pesquisa bibliográfica permite uma análise desses contatos antes e depois da chegada dos europeus. Nesse sentido, é possível reconstruir a história de povos que foram tratados etnocentricamente como considerados sem história por não dominarem a escrita. A etnohistória é o campo de análise que reconhece as diferenças entre as sociedades orais e as onde predomina a escrita, permitindo rever a idéia de que é impossível estudar povos sem escrita, utilizando para isso, de fontes escritas, orais, arqueológicas, além de conceitos e critérios da antropologia cultural e social, interpretando documentos sempre numa perspectiva dos indígenas, nesse caso. O importante será determinar o impacto da colonização sobre as sociedades primitivas, procurando entender como se desenvolveram as estruturas sociais, questionando a idéia de que os europeus foram os únicos que fizeram história.

A análise passa pelo estudo da historiografia de autores clássicos da história Paraná, e de autores da Bacia Platina – paraguaios e argentinos, além de estudos sobre os bandeirantes paulistas que tratam da região. As publicações são fartas e seguem várias linhas de estudo, e iniciamos os estudos pelos autores paranaenses, que escreveram desde o início do século XX até os primeiros anos do século XXI.

Os autores paranaenses, Martins (1944, 1995), Carneiro (1995), Silveira Neto (1995), Wachowicz (1972), Westphalen (1969), seguem uma mesma linha de estudo, indo da chegada dos europeus à formação de vilas e povoações em regiões consideradas como despovoadas, prontas para serem ocupadas, não contando com a presença do indígena, justificando assim, a prática da conquista dos territórios empreendida pelos europeus. Havia na verdade, uma política de omissão com respeito aos primitivos habitantes, sendo que os europeus acreditavam que, se não podiam fazer esses povos desaparecerem, eles seriam então integrados. Autores de xhistoriografia mais recente como Mota e Noelli (1999), Noelli e Mota (1999), Mota (2005, 2007), Nadalin (1995), entre outros, consideram outros pontos como

importantes para o entendimento da história colonial. Eles procuram desmistificar pontos que negavam a presença indígena como importante na história da região. É possível, por meio do estudo, demonstrar que havia grande interesse dos europeus em dominar este espaço a qualquer custo, lugar que para eles estava pronto para ser conquistado e explorado. Os estudos arqueológicos sobre a ocupação humana no Brasil e nas Américas como tendo ocorrido pelo menos há 12000 anos, com evidências de inúmeros períodos de presença humana, é anterior à colonização européia, e deixam claro que essa conquista se dará por meio de muitos conflitos e destruição.

A HISTÓRIA COLONIAL NA PERSPECTIVA DE ALGUNS HISTORIADORES PARANAENSES

Os primeiros resultados da pesquisa são exatamente os estudos sobre autores paranaenses como Silveira Neto, membro da Academia Paranaense de Letras, cronista e jornalista, que escreveu no início do século XX, relatando de maneira quase poética a existência de grande número de indígenas na região do atual Paraná, desde o início do século XV. Ele lembra as primeiras viagens pelo interior da região, conhecida como Guairá, sendo que o primeiro a atravessar o território, Aleixo Garcia, passa por aqui em busca de ouro e prata do Peru. O relato trata da formação da República Teocrática do Guairá e a formação de povoações espanholas na região que ia até os limites da linha de Tordesilhas, além da formação das treze reduções jesuíticas que mais tarde vão ser destruídas pelos bandeirantes paulistas, tendo a figura de Raposo Tavares seu exemplo mais cruel. Para esse autor, se as incursões bandeirantes não tivessem ocorrido, a Espanha teria se apoderado de toda a região sul do Brasil, e, portanto, onde está o atual estado do Paraná. Termos como aventureiros, intrépidos, bravura, são utilizados por ele para classificar a ação dos bandeirantes.

David Carneiro, membro da Academia Paranaense de Letras, foi um dos que mais escreveram sobre o Paraná, contribuindo para preservar a memória do Estado. Segue em seus escritos, a mesma linha, iniciando com a vinda de Martin Afonso, em 1531, e sua autorização a Francisco Chaves, antigo morador de Cananéia que falava a língua tupi, para fazer uma expedição pelo interior dos territórios do atual Paraná em busca das riquezas do Peru. Ao atravessar os territórios, tiveram contato com os índios, e em algum momento foram mortos pelos Carijós na região de Curitiba. O autor lembra ainda das viagens de Cabeza de Vaca e da chegada de Hans Staden no litoral de Paranaguá, confirmando a existência de populações indígenas na região.

Também se pôde observar em obras de Romário Martins da década de 1940, que seus estudos confirmam a presença de índios no início do século XVI e de portugueses e castelhanos morando entre eles, fazendo o tráfico de escravos. Nestes estudos, observa-se que padres jesuítas, viajantes e aventureiros, principalmente espanhóis, testemunharam a situação da região no século XVI, fundaram povoações e utilizavam os caminhos que atravessavam todos os territórios do Guairá, faziam contato com os índios e guerreavam contra eles. As povoações formadas pelos espanhóis são citadas nesses estudos, além das reduções jesuíticas e sua destruição pelos bandeirantes paulistas. Este mesmo autor em outra obra faz

um relato das primeiras expedições que acusaram a presença de numerosos indígenas Guarani nos territórios paranaenses, como a de Cabeza de Vaca (1541). Ele trata ainda sobre a questão dos limites territoriais, contestados por portugueses e espanhóis.

Este mesmo autor fala também que as povoações de portugueses no território, não iam além da baía de Paranaguá. Trata ainda sobre a sugestão de Hernando Arias de Saavedra, governador do Paraguai, que, para promover uma conversão mais racional dos índios, esse trabalho deveria ser realizado pelos padres jesuítas, o que resultou por fim, na criação das reduções. Segue daí, com a mesma linha de raciocínio já tratada pelos autores anteriormente citados, trazendo também um capítulo específico sobre a Província do Guairá. Para o autor, num tempo que não havia nenhuma povoação branca nos territórios do Guairá, os jesuítas mantinham em ordem as reduções.

A existência de numerosa população indígena pré-cabralina é encontrada também em Michaele (1969), lembrando que os primeiros povoadores dos territórios do atual Paraná eram do tronco Gê, mas que muitos fatores tornam difícil definir os grupos que povoaram o território, como nomadismo, a variabilidade dos nomes, as migrações, etc. Segundo ele, os Guarani eram predominantes no Paraná. Além disso, este autor critica expressões para designar os indígenas, como feroz, irracional, entre outras, que estariam impregnadas de etnocentrismos.

Nas décadas de 1960 e 1970, Balhana (1969), Machado (1969) e Westphalen (1969), da Universidade Federal do Paraná, também tratam da chegada dos europeus, abordando o domínio espanhol na região do atual Paraná e a caça aos índios do Guairá pelos paulistas no século XVI. Segundo eles, os caminhos indígenas facilitaram as incursões no início do século XVI. Também lembram a ocupação dos espanhóis no ocidente do Paraná e a formação da República do Guairá e sua destruição pelos paulistas.

Ainda na mesma época, Wachowicz (1972), escreve sobre a ocupação do território paranaense em forma de publicação didática. Trata da localização das culturas indígenas no início do século XVI, sendo a tupi no litoral, e a noroeste e oeste do estado; Xetás na escarpa dos Dourados; e Gês, sem muita certeza da região onde se estabeleceram. Ele repete a história da ocupação dos territórios do Guairá, e conclui com as incursões bandeirantes na região.

Autores paranaenses da década de 1980, como Westphalen e Cardoso (1986), organizaram o Atlas Histórico do Paraná, enfocando a idéia da ocupação do território, tendo como base as pesquisas do arqueólogo Igor Chmiz e sua equipe da Universidade Federal do Paraná. Estes mapas são importante fonte de estudo sobre a região e sua ocupação desde 7500 AC, relacionando a ocupação das populações pré-históricas e históricas. Mesmo com a certeza da importância dessa fonte de pesquisa, para este estudo, convencionou-se utilizar apenas os mapas que traduzem a ocupação no período e região delimitada, ou seja, os séculos XVI e XVII. Publicações mais recentes, na década de 1990, como as de Schmidt (1996), Nadalin (1995), ainda falam sobre a ocupação dos territórios paranaenses, e repetem a história tratada pelos autores citados anteriormente, mas ainda analisam a questão sob o ponto de vista demográfico.

Na década de 1990, Noelli (1999), Mota (2005, 2007) entre outros paranaenses escreveram sobre este tema, delimitando a história, tratando das questões dos primitivos habitantes e das condições de vida na região.

A pesquisa a que se refere este artigo ainda utilizou a historiografia não específica de autores paranaenses, além dos escritos dos padres jesuítas e de

autores da Bacia Platina, para buscar novos subsídios para entender as relações que se estabeleceram na região do Guairá, nos séculos XVI e XVII, entre os primitivos habitantes e os europeus e povos de outras nacionalidades que por aqui transitaram.

OS TERRITÓRIOS DO GUAIRÁ E SUA POPULAÇÃO ENTRE 1500 E 1632

A história da ocupação do território paranaense têm sido uma das grandes preocupações nas últimas décadas do século XX e agora nos primeiros anos do século XXI. Sob diversos aspectos, pode-se conhecer a rica história dessa região, conhecida hoje como Estado do Paraná. Um dos pontos que mais chama a atenção, diz respeito à sua ocupação populacional. A base teórica que fundamenta este estudo é a etnohistória, para entender como viviam as populações neste território paranaense, antes e depois do contato com os europeus. Dessa forma é possível reconhecer que os povos primitivos foram atuantes em todos os aspectos da existência humana, e na região do Guairá, promoveram grandes lutas contra a conquista dos territórios por eles ocupados. Significando com isso que não podem ser considerados povos sem história (Wolf, 2005).

Para que fosse possível o estudo alguns questionamentos foram levantados como: “De que maneira pode-se reconstruir a história dos primitivos habitantes do território paranaense, povos estes sem escrita (ágrafos)?”; “Como se pode saber quais povos viviam no território, antes da chegada dos europeus?”; “Será que esses primitivos habitantes são autóctones? E se não são, como saber?”; “Como se deram as relações entre índios, espanhóis, portugueses, jesuítas, e entre índios e índios?”.

As questões principais a respeito da colonização da América e do Brasil são muito claras. Os portugueses chegaram ao Brasil em 1500. Mas, estudos afirmam que há mais de 40 mil anos o território brasileiro já era ocupado (Freire, 1992), e por consequência, o atual Paraná também. Mas, poderia tais povos viver em uma região tanto tempo e “não fazer história?”. Porque é dessa maneira que os primitivos habitantes vêm sendo tratados, e passando a existir apenas em relação à chegada dos europeus? Predominava uma visão de mundo dos europeus que impunham a essas populações ou a sua ocidentalização, ou o seu desaparecimento.

Outro questionamento também é possível: “Por que os primitivos habitantes foram considerados povos sem história?”. A resposta pode ser: para justificar a dominação e a conquista dos territórios pelos europeus.

A HUMANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

Os estudos sobre a ocupação dos territórios do sul do Brasil, como por exemplo, estudos arqueológicos e antropológicos concordam que as populações humanas estão presentes na região, desde cerca de 11000 a 12000 anos AP. Essas

pesquisas (Noelli e Mota, 1999) arqueológicas atestam que esses territórios (atual Paraná) foram habitados ao longo desse tempo, por diferentes povos.

“A ocupação mais antiga do noroeste do Paraná está relacionada ao povoamento original da América do Sul, quando todas as áreas do continente foram, pela primeira vez, ocupadas por populações humanas. Contudo, ainda não há evidências que permitam definir a qual etapa da ocupação original está relacionada à chegada dos primeiros humanos ao noroeste paranaense [...]”. (Noelli e Mota, 1999, p. 9)

Segundo essa informação ainda não se sabe a época e de quais regiões vieram essas primeiras populações para os territórios do atual Paraná. Pode-se dizer que a ocupação se deu com populações chamadas pré-históricas (que são as anteriores à chegada dos europeus). E esses mesmos estudos concordam com a idéia de que essas populações eram muito parecidas em suas culturas.

Populações pré-históricas

Segundo Noelli e Mota (1999), as populações presentes no sul do Brasil, e atual Paraná desde pelo menos 7000 anos atrás, são chamadas de Pré-Históricas. “Tradição” é o nome que se dá às populações que ocuparam os territórios brasileiros no período anterior à chegada dos europeus, em épocas bem remotas. São elas:

- Tradição Humaitá – caçadores-coletores, que ocuparam o sul do Brasil, Paraguai, Argentina entre 7000 e 2000 AP, com características de pequenos grupos e dieta vegetariana. Ocuparam sazonalmente as regiões. São estudados pelos vestígios de instrumentos de pedra que deixaram; fabricavam vasilhas de cerâmica; não deixaram descendentes.

- Tradição Umbu – sem descendentes conhecidos, são estudados pelos vestígios de pontas de lanças e restos de lascamentos encontrados no sul do Brasil, Uruguai e São Paulo. Habitaram na região entre 12000 e 1000 anos atrás.

- Tradição Sambaqui – pescadores/coletores do litoral sul do Brasil, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia, vivendo ali de 6000 a 1000 dC. Os vestígios estudados são montes de restos de alimentos, enfeites, conchas, ferramentas, carvão, até mesmo restos humanos e de moradias. Estes vestígios são conhecidos como Sambaquis.

É possível que as ocupações tenham ocorrido por todo o território nestes tempos mais remotos. Em período posterior a estas populações, algumas regiões serão ocupadas por outros grupos.

Populações indígenas históricas

Os Guarani são os mais conhecidos. Esta denominação corresponde à população e a língua falada. Eles vieram das bacias do rio Madeira e Guaporé, ocupando as bacias dos rios Paraguai e Paraná, até Buenos Aires. Chegaram aos atuais Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, indo até o Uruguai e o Paraguai, Nas primeiras regiões estão desde há 2000 anos. Seu padrão de ocupação mostra que suas aldeias estavam em áreas de florestas Na expansão que empreenderam para o sul, trouxeram da Amazônia suas casas, vasilhas cerâmicas, espécies vegetais. Suas aldeias podiam ter até mais de 1000 pessoas.

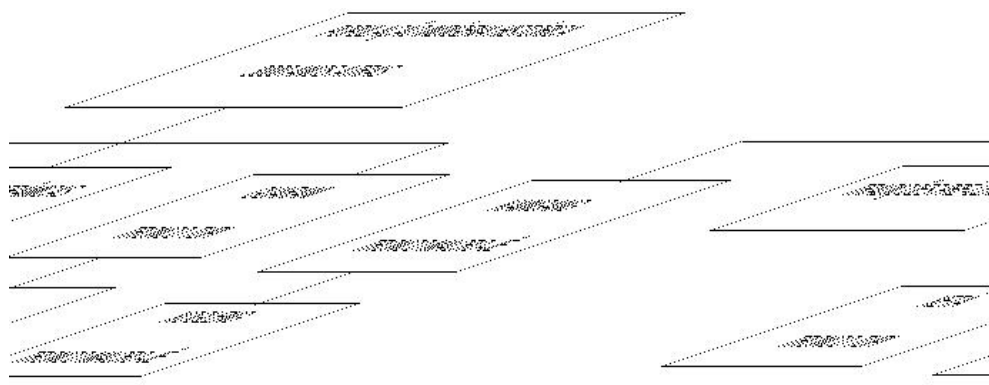
Os Xetá – define o grupo e a língua. Estas populações foram contatadas na década de 1840 por Joaquim Francisco Lopes e John H. Elliot na foz do rio Corumbataí, no Ivaí (hoje, São Pedro do Ivaí, Fênix e São João do Ivaí). Um pequeno grupo foi capturado em 1872, pelo engenheiro inglês Thomas Bigg-Whiter, que fazia parte de uma expedição que de reconhecimento da região. Entre 1955-56 houve o contato com 18 pessoas na Serra dos Dourados. Estas populações quase desapareceram em seguida e segundo Noelli e Mota (1999, p. 19), “restam menos de 10 remanescentes espalhados pelo Paraná”.

Os Kaingang – Esta denominação define a população e a língua falada. São conhecidos pelos arqueólogos, como Tradição Casa de Pedra e Tradição Itararé (Noelli e Mota, 1999, p. 15). Seus antepassados pré-históricos são pouco conhecidos, mas, os estudos arqueológicos e lingüísticos concordam que o Brasil central é a região de origem dos Kaingang, que passaram a ocupar a região sul do Brasil. Podem ter chegado antes que os Guarani ao Paraná. Foram empurrados pelos Guarani (quando estes chegaram), para o centro-sul, e territórios interfluviais. Hoje, existem mais ou menos 8000 indígenas no Paraná [verificar a estatística]. Estas populações ocupavam aldeias a céu aberto e em casas semi-subterrâneas. Esses povos viveram em guerras contra os Guarani e contra os “brancos”. As aldeias localizavam-se em áreas de florestas ou às margens de campos; e praticavam a exploração da agricultura e coleta do pinhão. Existem poucos estudos sobre sua cultura material.

Os Xokleng – Esta denominação define tanto população como a língua. Para os arqueólogos, eles são conhecidos como Tradição Itararé. Seus ascendentes são pouco conhecidos. Como os Kaingang, podem ter chegado ao Paraná antes dos Guarani. No decorrer do tempo foram empurrados pelos Guarani para a Serra Geral no litoral Atlântico. Os Xokleng e os Kaingang tiveram contato com a Tradição Humaitá. A ocupação do litoral era em determinadas épocas. Segundo Noelli e Mota (1999, p. 18) “os ascendentes dos Xokleng devem ter sido empurrados para fora do oeste paranaense na época da chegada e das primeiras expansões Guarani, ao redor de 2000 anos atrás”. Suas aldeias eram pequenas, com poucos habitantes, e localizavam-se nas florestas. Como os Kaingang, também habitavam em casas semi-subterrâneas. A cerâmica era semelhante às dos Kaingang.

Segundo estas observações, conclui-se que três famílias lingüísticas principais ocuparam o território do atual Paraná: os Tupi ou Tupi-Guarani, os Crên e os Gê. No final da década de 1960, resumiram-se em tupi-guarani e gê-botocudo.

Figura 1 - Populações Indígenas que ocuparam o Paraná



Fonte: Esquema elaborado pelo Prof. Dr. Lúcio Tadeu Mota, da Universidade Estadual de Maringá (2007).

Pode-se perceber pelo esquema, a forma como se distribuíram os grupos relacionados, dentro dos grandes troncos lingüísticos. Uma melhor visualização dos grupos lingüísticos e dos dialetos correspondentes a cada um, pode ser melhor compreendido, analisando-se o mapa etno-histórico elaborado por Nimuendajú, a seguir.

O TERRITÓRIO PARANAENSE

Por ocasião da expansão marítima, havia uma divergência entre Portugal e Espanha, que terminou com a assinatura do Tratado de Tordesilhas (1494) que dividia o mundo, ou as terras descobertas e a descobrir, entre as duas nações. Segundo esse tratado, uma linha imaginária passaria a 360 léguas da Ilha de Cabo Verde e, todas as terras que estivessem a leste, pertenceriam a Portugal; e a oeste, para a Espanha.

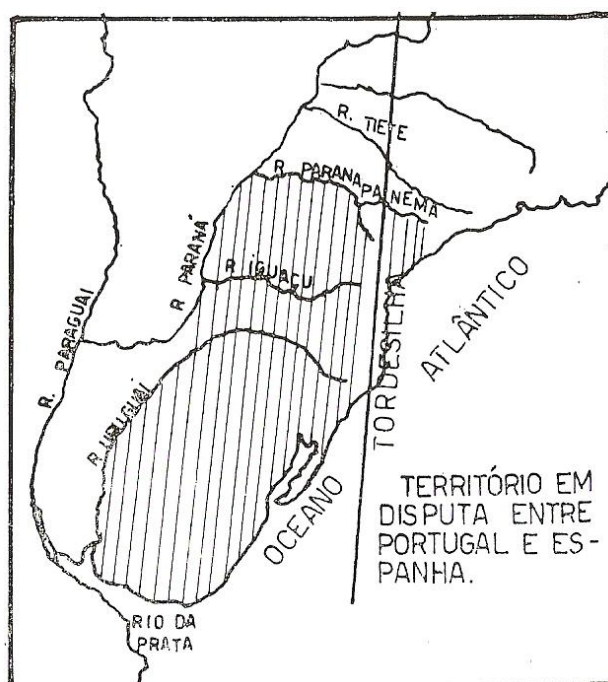
O território do atual Paraná estava localizado no ocidente dessa linha. Porém, não havia concordância entre espanhóis e portugueses e tampouco para algumas expedições que por aqui passavam, quanto à divisão. Para

“cosmógrafos espanhóis caía no mar na altura de Iguape, embora para os portugueses terminasse na altura de laguna, e a expedição

de (1532), ainda mais ao sul, procurasse estender o direito lusitano colocando marcos na foz do rio da Prata” (Martins, 1995, p.59).

Essa discussão sobre os limites territoriais vão avançar pelos séculos XVII e XVIII, quando se estabelecerá as reais fronteiras nas nações. Embora não se esteja aprofundando nessa questão, o presente artigo enfoca que a presença de portugueses avançando pelo sertão após a linha de Tordesilhas, ao longo do século XVI e XVII, além dos bandeirantes paulistas em busca de indígenas para apresar para o trabalho escravo estará impondo uma divisão diferente da estabelecida.

Figura 2 – Mapa mostrando os limites do território pertencente a portugueses e espanhóis



Fonte: WACHOWICZ, R. C. História do Paraná, Editor: Curitiba, 1972, p. 33.

Conforme se observa no mapa, os territórios em disputa pelas coroas portuguesa e espanhola estavam divididos pela linha imaginária determinada pelo Tratado de Tordesilhas de 1494, estando bastante evidente que a quase totalidade do atual território do Paraná, pertencia aos domínios espanhóis, ficando para os portugueses, uma pequena faixa de terra do litoral.

Povoamento-ocupação

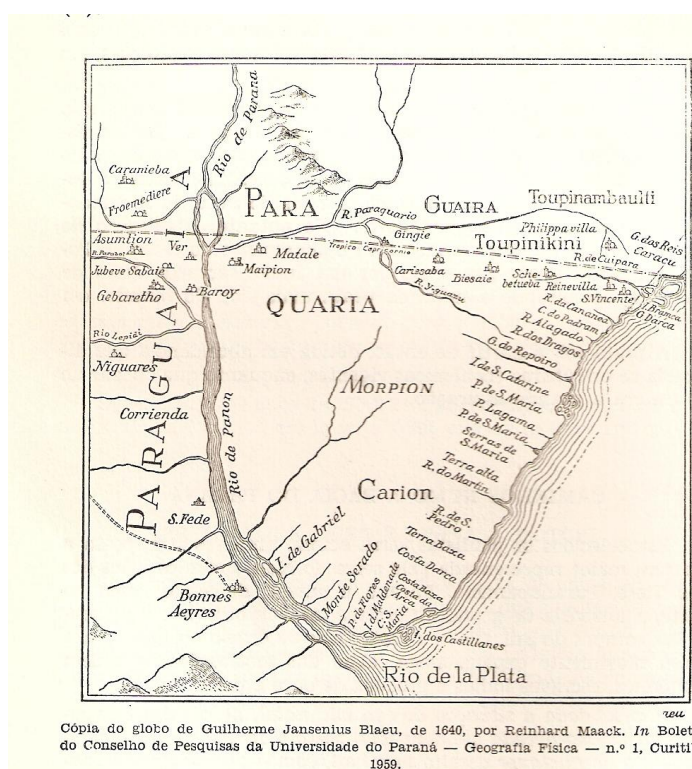
O atual território do Paraná recebeu os primeiros contatos com os europeus a partir do século XVI, por meio dos exploradores-navegantes, tanto espanhóis como

portugueses. O principal objetivo desses exploradores era chegar ao Império Inca (Peru), e para isso, precisavam atravessar o território paranaense.

Uma relação dos primeiros navegantes que passaram pelo litoral do Paraná no início do século XVI, é dada por Mota (2007 p. 99-102). Esses navegadores fazem contato com os carijós (como os guarani eram chamados) e também nestes encontros, as trocas comerciais e culturais foram feitas, além de deixarem no litoral, os “desterrados ou naufragos” (Mota, 2005, p. 23). Nesse momento pode-se constatar que as relações entre povos diferentes, estão ocorrendo em torno do objetivo de descobrir ouro e prata, conhecidos dos Guarani. Para o autor citado, é nesse momento que inicia a conquista dos territórios indígenas do interior.

Os estudos sobre o povoamento feito pelos portugueses mostram que até 1600 (início do século XVI), ocorriam no planalto meridional, em São Paulo. No sul, essa ocupação ocorria no litoral, não indo além de Paranaguá, sendo o interior do Brasil, ainda desconhecido dos portugueses. Segundo Martins (1995, p. 59), na costa do Paraná apenas vicentistas, santistas e paulistas vinham traficar índios cario.

Figura 3 – Mapa de Guilherme Jansenius Blaeu, de 1640 da região sul



Fonte: BALHANA, A. P.; MACHADO, B.P. e WESTPHALEN, M. C. Costa do Pau-Brasil – Costa do Ouro e Prata. in: EL-KHATIB, F. História do Paraná. 1º vol. 2ªed. Grafipar: Curitiba 1969, p. 44.

No mapa de Blaeu, de 1640, pode-se observar a região sul e a localização do Guairá, atual Paraná, e de todo o litoral e adjacências, desde Cananéia ao Rio da Prata, habitados por indígenas, e local por onde viajaram espanhóis, portugueses e exploradores de outras nacionalidades.

Segundo Martins (1995, p. 59), a população branca encontrava-se mais para a costa de Itanhaém, em São Vicente e Santos. E, como se constata em vários escritos sobre a ocupação humana, o restante era, ou o deserto ou a região de numerosos índios.

As expedições e o encontro com os indígenas

No início do século XVI ocorreram os primeiros contatos entre europeus e indígenas na região do atual Paraná. Esse fato é consequência das diversas expedições (as primeiras), tanto de espanhóis quanto de portugueses, que com o objetivo de chegar ao Paraguai e ao Peru, precisavam atravessar o território. Esse encontro também se deu com outros povos de outras nacionalidades, além de com os padres jesuítas.

Com respeito às expedições, pode-se relacionar, entre outras as de:

Aleixo Garcia fez a primeira viagem por terra pela região, em 1522, com o objetivo de fazer o reconhecimento e descobrir a origem do outro na costa de Santa Catarina. Em três anos, do litoral de Santa Catarina, interior do Paraná, Paraguai e Bolívia, até próximo do Peru; na volta, em 1525 foi morto pelos Guarani na região da Foz do Iguaçu (Noelli e Mota, 2000). Nessa expedição seguiram cerca de 2000 Guarani.

Francisco de Chaves e Pero Lobo – expedição enviada por Martim Afonso de Souza, com 80 homens, de Cananéia rumo ao interior do Paraná, por terra, para buscar riquezas. Foram trucidados pelos índios no território do Paraná, entre os rios Iguaçu e Paraná (provavelmente em 1531). Segundo Noelli e Mota (1999), podem ter seguido os mesmos caminhos percorridos por Aleixo Garcia.

Da expedição de Martin Afonso, apenas um bergantim comandado por Pero Lopes de Souza segue até o estuário do Rio da Prata.

Em 1541, D. Álvaro Nunez Cabeza de Vaca vem assumir a governação do Paraguai, segue por terra, de Santa Catarina ao Paraguai, pelo interior do Paraná. Sua expedição era composta de 250 homens e 26 cavalos (Cabeza de Vaca, 1995) e demorou quatro meses para chegar ao destino. Também passou pelos caminhos percorridos por Aleixo Garcia. Passou pelo rio Iguaçu, pelos campos de Curitiba, pelos caminhos do Peabiru, chegando ao rio Tibagi, o Piquiri e novamente o Iguaçu. O que chama a atenção, é que sua expedição foi acompanhada por centenas de guarani que recebiam em troca da ajuda, machados, contas, etc. Outro ponto interessante é que contornaram o território dos índios Kaingang, denotando com isso, que entre indígenas de etnias diferentes havia provavelmente guerras e disputas.

Segundo o que consta dessa expedição, houve contato e a entrada dos europeus em determinados territórios dominados pelos Guarani. Além disso, foi o “primeiro documento a informar que quase todo o interior do Paraná estava habitado” (Noelli e Mota, 2000, p. 25), e que os diversos grupos estavam organizados cultural e politicamente. Informação importante que se tem sobre os resultados da expedição, é que, num vasto território, os Kaingang também estavam estabelecidos

Hans Staden, na expedição do adelantado Diego de Sanabria, viajando em direção ao rio da Prata sob o comando de Juan de Salazar, naufraga em 1550 na baía de Paranaguá, no porto de Superagüí. Este homem foi um dos que primeiro escreveu sobre a região paranaense e sua população, como ele conta em “Viagens

e Cativeiros entre os índios do Brasil” (1549-50, apud Wachowicz, 1972, p. 39-40): “... Logo (depois) apareceu uma canoa de selvagens com mostras de nos querer falar...”. Segundo ele, esses indígenas não representavam perigo, ao contrário dos que viviam na Ilha de Santa Catarina, os “selvagens carijós” (idem), para onde queriam ir.

Domingos Martinez de Irala, que era o governador do Paraguai, em 1544 viaja de Assunção ao Guairá (nome pelo qual vai ser conhecida grande parte do atual Paraná), para apresar índios para as *encomiendas* (forma de trabalho compulsório indígena). A instituição das *encomiendas* segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola significa

“Em América, institución de contenidos distintos según tiempos y lugares, por la cual se señalaba a uma persona em un grupo de índios para que se aprovechara de su trabajo o de uma tributación tasada por la autoridad, y siempre con la obligación, por parte del encomendero, de procurar y costear la instrucción Cristiana de aquellos índios” (Disponível em <http://www.rae.es/rae.html>. Acesso em 22 de novembro de 2008. 23 horas).

Irala, ao chegar à região do Guairá, funda a cidade de Ontiveros, no rio Paraná, perto da foz do Iguazu

Em 1551, Diego de Sanabria faz o itinerário de Cabeza de Vaca. No ano de 1551 também, Cristóval de Saavedra vai do Paraguai a São Vicente. Hernando de Salazar faz o mesmo roteiro em 1551.

Outra expedição que passa pela região em 1551 foi a de Ulrich Schmidel, fazendo o mesmo roteiro, acompanhado de 20 índios carijós, chegando a Santos, em 1553 (Noelli e Mota, 2000).

Nos anos de 1552/1554, Ruy Dias de Melgarejo (ele tinha participado da expedição de Cabeza de Vaca em 1541), viajou várias vezes pelo território do Guairá.

Pode-se citar ainda, que em 1555, os territórios do atual Paraná foram percorridos por Francisco Gambarota, Nuflo Chaves (veio de Assunção apresar índios no Guairá), Rodrigo de Vergara, chega ao Guairá para fundar Ciudad Real perto da foz do Piquiri no Paraná; Juan de Salazar e Cipriano de Góis.

No ano de 1588 os padres Manuel Ortega e Thomas Fields percorrem o Guairá, fazendo o trabalho missionário. A expedição dos padres informou ao governador de Assunção sobre a existência de “milhares de índios Guarani” nesta região (Mota, 2005, p. 25).

Como se viu, todos os viajantes informaram da existência de numerosos índios no território, inclusive de grupos distintos – Kaingang, além dos Guarani, que predominavam na região. Os contatos muitas vezes resultaram em lutas e morte, tanto de portugueses quanto de espanhóis, pelos índios, mas também, pela conquista e desagregação dos indígenas, por meio dos europeus. Praticamente nada ocorreu de forma pacífica, havendo resistência por parte dos indígenas.

É nesse contexto que os espanhóis procuraram dominar e estabelecer-se cada vez mais para o ocidente do Paraná, para defender as terras segundo os Tratados de Tordesilhas de 1494. Nessa região, eles fundaram Ontiveros, perto da foz do Piquiri (1544); Ciudad Real del Guairá, na confluência do Piquiri, no Paraná (1555), e Vila Rica del Espiritu Santu, em 1576, que foi transferida para perto da foz

do rio Corumbataí, hoje, no município de Fênix (Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo) (Mota, 2005). As relações entre os castelhanos e os Guarani, que eram numerosos, não eram boas, pois os indígenas foram obrigados às *encomiendas*, o que provocou diversas formas de resistências, culminando por se organizarem as reduções jesuíticas, como forma de catequizá-los.

Sobre o Guairá

O território compreendido entre o rio Paranapanema até o rio Iguaçu, e do rio Paraná ao Tibagi, com pretensão de prolongar-se até o litoral atlântico, que pertencia, até 1617, à Província do rio da Prata, era conhecido como Guairá. Hoje, é o Estado do Paraná. Azevedo (1995), diz que Guairá ou Guará era o nome de um poderoso cacique guarani, que deu o nome para a Província. Esse nome caracterizou, desde a república dos jesuítas, a região até os limites territoriais estabelecidos no Tratado de Tordesilhas. Em 1608, como medida para conter o avanço dos portugueses, o rei da Espanha criou a Província del Guairá, que abrangia os territórios indígenas a leste do rio Paraná. Também existiu a *República Teocrática del Guairá*, fundada por espanhóis no século XVI, com jurisdição sobre as tribos nesse local. Nessa república estavam estabelecidas as povoações anteriormente citadas, que chegaram a ter 100000 índios.

Pode-se dizer que havia nessa época, primeiras décadas do século XVII, muitas investidas dos europeus na região do Guairá. São as inter-relações que se deram por meio de choques entre índios e encomendeiros espanhóis. Também as relações são permeadas pela pregação religiosa dos padres jesuítas, com o objetivo de “inculcar” (Noelli e Mota, 1999, p. 28) seus valores nos povos indígenas da região. Por seu lado, os índios fizeram alianças, acordos e guerras, no sentido de garantir sua liberdade. É preciso lembrar que, quando fizeram aliança com os jesuítas, eles buscaram uma forma de não ser submetidos, por exemplo, à servidão (*encomiendas*). Para entender a história da ocupação dos territórios do Guairá, é preciso considerar as relações entre os diversos grupos: conquistadores e seus interesses, os guarani, os Kaingang (inimigos).

As Reduções Jesuíticas

A atuação dos jesuítas no Guairá iniciou bem antes da fundação das Reduções. Os documentos da Coleção de Angelis, de Jesuítas e Bandeirantes no Guairá, compõem-se de várias cartas, informes e outros documentos, que dão conta de todo esse trabalho. Os documentos tratam da doação de terras para a Companhia de Jesus na região, feita pelo governo do Paraguai; sobre as *encomiendas* de índios também dessa região aos espanhóis conquistadores; e toda espécie de documentos que tratam do apoio que se deveria dar aos padres para o início das Reduções. O Documento XXII – Ordem do Tenente Geral do Governador do Paraguai e Rio da Prata, D. Antonio de Añasco, ao Capitão Pero Garcia de Ciudad Real para que se dê todo o Apoio e Auxílio aos Padres Cataldino e Masseta, que Pretendem Fundar Reduções no Paranapanema e Tibajoba, página 137 da referida Coleção, é uma ordem do governador do Paraguai e Rio da Prata, e nele é possível entender que os padres receberam apoio para tal empreendimento, e também que era do interesse

dos espanhóis que os indígenas estivessem reduzidos, evangelizados e civilizados. O documento é do ano de 1609, e as reduções se organizaram em 1610. Portanto, nota-se que as primeiras reduções do Guairá iniciam em 1610, como diz o documento:

[...] Por el presente mando al cap. Pero garçia y outra qualquer Justiça de guayra, que en ninguna manera precisa asta que outra cosa se ordene y mande, no salgan ni embien a hacer malocas Jornadas ni entrada ninguna a la Prov^a del yparanapane y Atibaxiva, ni outro ningun rio que cayga en el paranapane, porquanto de presente se pretende reducir a los naturales della por médio del Padre Joseph Cataldino y el P. Simon Maseta de la compañía del nombre de Jesus a quien les esta cometida la dha reduçion, antes para Ella les acudiran y haran acudir con todo el favor y ayuda que fuere neccesso [...]. (CORTESÃO, J. Jesuítas e Bandeirantes no Guairá. I. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951,p. 137).

Assim, Nossa Senhora do Loreto e Santo Inácio, nas margens do rio Paranapanema, foram, as primeiras Reduções Jesuíticas fundadas no Guairá, e após elas, mais doze outras se organizaram, nos vales dos rios Paraná, Iguaçu, Piquiri, Ivaí, e Tibagi.

Figura 4 – As Reduções Jesuíticas do Guairá



Fonte: CORTESÃO, J. Jesuítas e Bandeirantes no Guairá. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951 (Coleção de Ângelis)

Este mapa apresenta a região do Guairá e as populações indígenas distribuídas em toda a sua extensão, conforme está na Coleção de Angelis, Jesuítas e Bandeirantes no Guairá.

Sobre o Guairá, o padre Antonio Ruiz de Montoya, que escreveu “Conquista Espiritual, ao tratar sobre a evangelização nesta região, informa o significado do termo Redução. Ele disse que “Chamamos reduções aos povos de índios que vivendo à sua antiga usança nos montes, foram reduzidos pelas diligências dos padres a povoações grandes e à vida política e humana”. (apud. Martins, 1995, p. 71). O ato de reduzir os indígenas em povoados tinha o objetivo de ensinar a doutrina católica, promover a civilização como pretendia a Companhia de Jesus, e também livrá-los do serviço pessoal, realizado através das *encomiendas*.

Capdeville (1923, 19) diz que “Se entiende por Misiones Jesuíticas, los establecimientos fundados por los jesuítas em América para la civilización y la formación cristana de los índios” [...]. E ainda que: “Se las há llamado también Reducciones, porque mediante um sistema particular, trataron los Jesuítas de hacer pasar a los índios de la vida salvaje de los bosques a la vida Cristiana de la comunidad”. É preciso anotar também, que os conceitos Missões, Reduções e Doutrinas foram usados para designar as povoações de indígenas sob o governo teocrático dos jesuítas.

Figura 5 - Mapa das Reduções Jesuíticas



Fonte: MOTA, L. T. História do Paraná: ocupação humana e relações interculturais. Maringá: EDUEM, 2005, p. 27.

As Reduções de São José, São Francisco Xavier, Encarnación e São Miguel, localizaram-se no Vale do Rio Tibagi. Nas margens do Rio Ivaí localizavam-se as Reduções de Jesus Maria, Santo Antonio e São Paulo. São Tomás e Sete Arcanjos

estavam nas terras do cacique Taioba (Cortesão, 1951, p. 245). Nas cabeceiras do Rio Piquiri, as de São Pedro e Conceção. E, finalmente, no médio Piquiri, a Redução de Nossa Senhora de Copacabana, totalizando as 14 Reduções conhecidas e que foram fundadas na região do Guairá.

A organização das reduções levou preocupação aos portugueses. Os bandeirantes paulistas já assolavam o território em busca de índios. Como se viu anteriormente, um deles era Manuel Preto, que desde 1607 já investia contra os territórios do Guairá com esse objetivo. Os portugueses também tinham interesse em estabelecer os limites do Brasil, indo até o rio da Prata, o que ia contra os ideais espanhóis, que pretendiam chegar ao litoral atlântico, até Cananéia. Então, para impedir a expansão das reduções que já haviam chegado ao rio Tibagi, a partir de 1629 paulistas comandados por Antonio Raposo Tavares, invadiram os estabelecimentos dos jesuítas que foram sendo devastados, e até 1632 estavam todas destruídas, terminando assim, o domínio espanhol no Guairá, e aumentando o território do Brasil, como está hoje. As reduções nunca mais foram restauradas. Segundo estudos de diversos autores, dos cerca de 100.000 índios aldeados, 15.000 foram mortos e cerca de 60.000 prisioneiros foram vendidos como cativos em São Paulo e Rio de Janeiro.

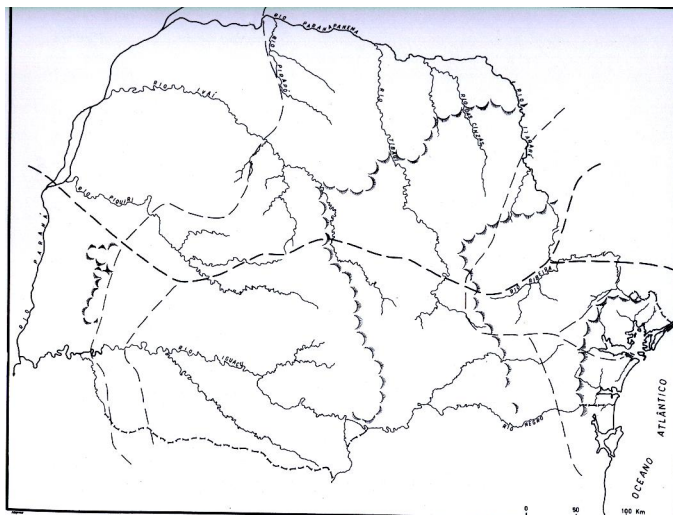
Os restantes dos índios foram com os jesuítas para a Argentina e Paraguai; muitos adentraram pelo interior, fugindo dos paulistas; 12.000 conversos, os jesuítas conseguiram salvar da escravidão; parte foi para o sul com os padres e fundaram os Sete Povos das Missões no Rio Grande do Sul.

Caminhos

Certamente pode-se ainda falar sobre as relações ou encontros de indígenas com os europeus, na região do Guairá, no período que vai até a destruição das reduções jesuíticas, considerando que a comunicação dentro dos territórios, realizava-se por meio de diversos caminhos. Caminhos esses percorridos pelos viajantes, exploradores europeus desde o início do século XVI, ligavam o litoral, ao planalto, mas também, rotas terrestres estendiam-se do Rio Grande do Sul, por Santa Catarina, e os territórios do Paraná.

As penetrações pelo território foram feitas pelos vales dos grandes rios (Iguaçu, Tibagi, Ivaí, etc). As vias de comunicação, chamadas de “Caminhos Históricos” (Padis, 1970, p. 22), eram de condições de difícil trânsito, mas, é por onde também irão passar, num período posterior, tropas de gado bovino e muar. Esses caminhos tiveram muita importância na ocupação dos territórios do atual Paraná. Alguns deles ficaram conhecidos como Caminho do Peabiru, de Cubatão, do Itupava e do Arraial, de Sorocaba e Viamão. Segundo Padis (1970, p. 22), este último teve grande importância na formação de diversas cidades do Paraná Velho, indo ele, do Rio Grande do Sul até Sorocaba, atravessando o Paraná.

Figura 6 – Mapa dos territórios paranaenses mostrando as rotas ou caminhos percorridos pelo interior do território



Fonte: CARDOSO, J. A. e WESTPHALEN, M.C. Atlas Histórico do Paraná. 2ª ed. Curitiba: Livraria do Chain Editora, 1986, p.18.

CONCLUSÃO

Os territórios do Guairá, atual Paraná, estiveram desde pelo menos 7 a 8 mil anos atrás, portanto, ocupados por diversos grupos indígenas. Por ocasião da chegada dos europeus, no início do século XVI, iniciaram os contatos com as populações primitivas, que na maior parte das vezes, tiveram o objetivo de subjugar essas populações. Por isso, para estudar a ocupação territorial paranaense é necessário buscar elementos etno-históricos o que permite entender essas populações como povos dinâmicos, que produziram cultura e que não podem ser tratados como integrantes da história da região apenas após a chegada dos europeus.

O que se pode confirmar é que, relatos dos próprios viajantes, exploradores, missionários e outros que por ali passaram, comprovam que o território era habitado por numerosos, milhares de povos, perfeitamente organizados cultural e politicamente, que mantiveram contatos com os europeus desde o início do século XV.

Os registros mostram que após diversas tentativas de manter sua liberdade e modo de vida, os indígenas procuraram fazer alianças com os europeus, fugindo, por exemplo, do domínio espanhol que os obrigavam às *encomiendas*. Outras vezes, empreenderam sangrentas guerras, e embora fossem quase sempre em maior número, acabaram sendo subjugados, escravizados, mortos ou segregados.

Por seu lado, os europeus também tiveram sua parcela de dificuldades. As entradas para o interior dos territórios exigiram deles, coragem e grande vontade e necessidade, para chegar ao seu objetivo que foi sempre, alcançar as riquezas que sabiam, ou imaginavam, haver no interior da América, e neste caso, o Paraná. As fontes revelam que os europeus penetraram no território, sofreram perdas que vão desde coisas materiais até a própria vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESPHALEN, M. Espanhóis no ocidente do Paraná. In: EL-KHATIB, Faissal (org.) *História do Paraná*, I vol. Curitiba: Grafipar, 1969.

BALHANA, A. P., PINHEIRO MACHADO, B. e WESTPHALEN, C. M. Costa do pau-brasil – Costa do ouro e prata. In: EL-KHATIB, F. *História do Paraná*. 1º. V., 2ª ed. Curitiba: Grafipar, 1969.

BOND, Rosana. *A Saga de Aleixo Garcia – o descobridor do império Inca*. Rio de Janeiro: Coedita/ Aimberê, 1998.

CABEZA DE VACA. A. N. *Comentários*. Curitiba: Coleção Farol do Saber. 1995.

CAPDEVILLE, B. *Misiones Jesuíticas en el Paraguay*. 2ª ed. Ampliada – Asunción: Imp. Y Librería La Muncial: Asunción, 1923.

CARDOSO, J. A. e WESTPHALEN, C. M. *Atlas Histórico do Paraná*. 2ª ed. Curitiba: Livraria do Chain, Editora, 1986

CARNEIRO, D. *O Paraná na História Militar do Brasil*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

CORTESÃO, J. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951 (Coleção de Angelis).

CORTESÃO, Jaime. *A colonização do Brasil*. Lisboa: Portugalíia, 1965. p. 145.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú IBGE. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

_____. Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes: adaptado do mapa de Curt Nimuendajú, 1944 IBGE. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

HOLANDA, S. B. de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MACHADO, B. P. Esboço de uma sinopse da História Regional do Paraná. In: História: Questões e Debates. *Revista da Associação Paranaense de História*. Ano 8. Nº. 14-15, Dez, de 1987 – APAH.

MARTINS, A. R. *Terra e Gente do Paraná y Curitiba*. Diretoria Regional de Geografia do Estado (1944). Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995.

MARTINS, A. R. (1874-1948). *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MICHAELE, F. A. S. Presença do Índio no Paraná. In: EL-KHATIB, Faissal. *História do Paraná*. 3º. V. Curitiba: Grafipar, 1969.

MONTEIRO, J. M. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA, A L. e GRUPIONO, L. D. B. (orgs.). *A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

MOTA, L. T. e NOELLI, F. S. Exploração e guerra de conquista dos territórios indígenas nos vales dos rios Tibagi, Ivaí, Piquiri. In: DIAS, R. B. e GONÇALVES, J. H. R. (org.). *Maringá e o norte do Paraná. Estudos de história regional*. Maringá: EDUEM, 1999.

MOTA, L. T. *História do Paraná: ocupação humana e relações interculturais*. Formação de professores – EAD, nº 28. Maringá: EDUEM, 2005.

MOTA, L. T. Relações Interculturais na Bacia do Rio da Prata na Primeira Metade do Século XVI. In: MOREIRA, L. F. V. (coord.). *Instituições Fronteiras e Política na História Sul- Americana*. Curitiba: Juruá, 2007. p. 95-127.

NADALIN, S. O. *Paraná: Ocupação do Território, População e Migrações*. Curitiba: SEED, 2001.

NEVES, E. G. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In: SILVA, A L. e GRUPIONI, L. D. B. (orgs.). *A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

NOELLI, F. S. e MOTA, L. T. A pré-história da região onde se encontra Maringá, Paraná. In: DIAS, R. B. e GONÇALVES, J. H. R. (org.). *Maringá e o norte do Paraná. Estudos de história regional*. Maringá: EDUEM, 1999.

PADIS, P. C. *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*. São Paulo: Hucitec, 1970

POMPA, C. Profetas e santidades selvagens. Missionários e caraíbas no Brasil colonial. In: *Revista Brasileira de História. Estado e Controle Social*. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 21, n. 40, 2001.

PREZIA, B. e HOORNAERT, E. *Esta terra tinha dono*. São Paulo: FTD, 1989.

SCHALLENBERGER, E. *A Integração do Prata no Sistema Colonial: colonialismo interno e missões jesuíticas do Guairá*. Toledo: Editora Toledo, 1997.

SCHMIDT, M.M.S. *Histórias do cotidiano paranaense*. Curitiba: Letraviva, 1996

SILVEIRA NETO, M. de A. *Do Guairá aos Saltos do Iguaçu*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

VOLPATO, L. *Entradas e bandeiras*. 3ª ed. São Paulo: Global 1985.

WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. Curitiba: Editar, 1972.

WEHLING, A. E WEHLING, M. J. C. de. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

WOLF, E. *Europa y la gente sin história*. 2ª ed. México: FCE, 2005.

Sites Consultados

<http://www.rae.es/rae.html> - Dicionário da Real Academia Espanhola.

Notas

1- Especialista pela UEM em Arqueologia, Etnologia e Etno-História do Paraná, Profª. Da Rede Estadual de Ensino, Núcleo de Educação de Maringá, Pesquisadora no Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações – Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno- História – UEM, e aluna do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em História da Universidade Estadual de Maringá - UEM. E-mail: nadiachagas@yahoo.com.br

2- Professor, Doutor, Pesquisador do Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações – Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História – UEM. E-mail: ltmota@uem.br.